

OS SENTIDOS DE LIBERDADE DA ESCRAVA ISAURA CONSTITUÍDOS POR GESTOS DE RESISTÊNCIA

THE SENSE OF FREEDOM OF THE SLAVE ISAURA INCORPORATED
IN STRENGTH GESTURES

LOS SENTIDOS DE LIBERTAD DE LA ESCLAVA ISAURA
CONSTITUIDOS POR GESTOS DE RESISTENCIA

*Jane Josefa da Silva CAMILO**

Resumo: Esta pesquisa é parte da minha Dissertação de Mestrado em Linguística e se inscreve na perspectiva teórica da Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2002, 2010). Nosso objetivo é analisar as cenas enunciativas constituídas de diálogos nos quais se inscrevem as figuras enunciativas representadas pelo herdeiro Leôncio e pela escrava Isaura. Os locutores falam de distintos lugares sociais tensionados pelo assédio e pela resistência, respectivamente, cujos gestos vão construir os sentidos de liberdade da escrava. O *corpus* desta pesquisa é constituído de recortes extraídos do livro “A Escrava Isaura”, do escritor brasileiro, Bernardo Guimarães (1875). Embora o discurso da literatura se faça como ficcional, ele está inscrito na história, entendendo a história como efeito de interpretações (HENRY, 1984).

Palavras-chave: Figuras enunciativas; Gestos de interpretação; “A Escrava Isaura”.

Resumen: Esta investigación es parte de mi tesis de maestría en Linguística y se inscribe en la perspectiva teórica de la Semántica del Acontecimiento (GUIMARÃES, 2002, 2010). Nuestro objetivo es analizar las escenas enunciativas que constituyen diálogos que se inscriben en las figuras enunciativas representadas por el heredero Leôncio y la esclava Isaura. Los locutores hablan de distintos lugares sociales tensados por el acoso sexual y la resistencia, respectivamente, cuyos los gestos van construir los sentidos de libertad de la esclava. El *corpus* de esta investigación es constituida de los recortes del libro “A escrava Isaura”, del escritor brasileño Bernardo Guimarães (1875). Aunque el discurso de la literatura es un discurso ficticio, lo mismo está inscrito en la historia, entendiendo la historia como efecto de interpretaciones (HENRY, 1984).

Palabras clave: Figuras enunciativas; Gestos de interpretación; “A escrava Isaura”.

Abstract: This research is part of my Master's Thesis in Linguistics and it is inscribed in the theoretical perspective Semantics of Event (GUIMARAES, 2002, 2010). Our

* Mestre em Linguística – Universidade do Estado de Mato Grosso. Professora da Educação Básica (SEDUC-MT). Cáceres-MT/Brasil. Contato: janejcamillo@hotmail.com

objective is analyzing the enunciatively scenes constituted of dialogues in which are inscribed the enunciatively figures represented by Leoncio heir and the slave Isaura. The announcers talk about different social places tensioned by harassment and resistance, respectively, whose gestures will build the way of the slave freedom. The *corpus* of this research consists of clippings from the book “A escrava Isaura”, the Brazilian writer Bernardo Guimarães (1875). Although the literature discourse do it as fictional, it is inscribed in history, understanding history as interpretations effect (HENRY, 1984).

Keywords: Figures enunciation; Gestures of interpretation; “A escrava Isaura”.

Este artigo é parte da minha Dissertação de Mestrado em Linguística¹ na qual propomos analisar como os sentidos de liberdade da escrava Isaura são constituídos por gestos de resistência ao assédio do seu proprietário, nas cenas enunciativas protagonizadas por Leôncio, herdeiro do cafezal, e por Isaura, a escrava que pertence legalmente a esse senhor, observando o movimento dos sentidos dos dizeres da escrava em sua existência social e histórica na sua relação com o herdeiro, por considerar que “é impossível pensar a linguagem, o sentido, fora de uma relação”, pois “Algo só é linguagem com outros elementos e nas suas relações com o sujeito” (GUIMARÃES, 1989, p. 74).

Para situarmos as análises, faremos um breve relato a respeito do enredo. A obra “A Escrava Isaura”, de Bernardo Guimarães (1875), aborda a escravidão do Brasil no Segundo Reinado e, em especial, a vida de Isaura, escrava de origem negra, mas de pele branca, que foi criada e educada pelos proprietários da Fazenda onde vivia como pessoa ‘livre’ e, ao contrário de outras escravas, não fazia nenhum tipo de trabalho braçal. A escrava era dama de companhia de sua ‘dona’ que, antes de morrer, prometeu-lhe uma *carta de alforria*. Ao suceder os pais, Leôncio, ‘herda’ Isaura, e para mantê-la sob o seu poder, esconde a carta de alforria e passa a assediá-la. Para livrar-se dos constantes assédios, a escrava se defende, buscando de várias formas conquistar a sua alforria e, conseqüentemente, a sua liberdade.

A obra literária, da qual extraímos os recortes para analisar os gestos de resistência da escrava nas cenas enunciativas, pertence ao

¹ Sob a orientação da Professora Dra. Neuza Zattar. Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT. Cáceres/MT/Brasil. Contato: neuza.zattar@gmail.com.

Romantismo, e embora o discurso da literatura se faça como ficcional, ele está inscrito na história.

Considerar o político em relação à linguagem nos instiga a considerar que uma palavra e/ou expressão em um enunciado e/ ou texto pode sempre ter outros sentidos, visto que “a condição da linguagem é a incompletude. Nem sujeitos nem sentidos estão completos, já feitos constituídos definitivamente”, como afirma Orlandi (2005, p.52).

No entanto, a autora nos mostra que o processo de significação mesmo sendo aberto é administrado, determinado, uma vez que “sujeitos, ao mesmo tempo, à língua e à história, ao estabilizado e ao irrealizado, os homens e os sentidos fazem seus percursos, mantêm a linha, se detêm junto às margens, ultrapassam limites, transbordam, refluem” (ORLANDI, 2005, p. 53).

Os gestos de resistência

Os gestos de resistência nesta análise são compreendidos como gestos simbólicos que se irrompem na e pela linguagem, pois segundo Pêcheux (2009, p. 281), “não há dominação sem resistência”, por entender que a resistência se dá no interior da história e a história é entendida como efeito de interpretações (HENRY, 1984).

Nesse sentido, nas cenas enunciativas que vamos analisar se instala a tensão entre os personagens principais da obra, de um lado, o senhor da escrava que a assedia e a deseja como mulher, e de outro lado, a escrava, que o rejeita como homem. Ou seja, os locutores falam de distintos lugares sociais tensionados pelo assédio e pela resistência, cujos gestos vão construir os sentidos de liberdade da escrava.

Para a análise, vamos tomar seis cenas enunciativas nas quais se inscrevem as figuras enunciativas representadas pela escrava Isaura e pelo herdeiro Leôncio, o proprietário da escrava. As cenas de enunciação, segundo Guimarães (2002, p.23), “são especificações locais nos espaços de enunciação”, um lugar simbólico em que passam “a valer direitos e deveres que, em boa medida, visam a orientar a relação daquele que fala com aqueles para quem se fala, relação que demanda representações do locutor, com produção de efeitos de sentido”, como enfatiza Dias (2007, p.261).

Tratando-se de um diálogo enunciativo, vamos considerar os recortes constituídos de seqüências enunciativas, enquanto unidades de sentido que integram um texto.

Passemos às análises dos recortes.

Recorte 01

SE1 – Agora mais que **nunca**. Meu pai é falecido e não ignoras que sou eu o seu único herdeiro. Malvina, por motivos que sem dúvidas terás adivinhado, acaba de abandonar-me e retirou-se para a casa de seu pai. Sou eu, pois, que hoje unicamente governo nesta casa e disponho do **teu** destino. **Mas também**, Isaura, de tua vontade unicamente depende a tua felicidade ou a tua perdição. (GUIMARÃES, 2004, p. 56, grifo nosso).

SE2 – Eu, senhor?! Oh! Por quem é, **deixe** a humilde escrava em seu lugar; lembre-se da senhora D. Malvina, que é tão formosa, tão boa e que tanto lhe quer bem. É em nome dela que, meu senhor: **deixe** de abaixar seus olhos para uma pobre cativa, que *em tudo* está pronta para lhe **obedecer**, *menos nisso* que o senhor **exige**. (GUIMARÃES, 2004, p. 56, grifo nosso).

O recorte acima mostra uma das primeiras investidas do senhor contra a escrava, e retoma como memorável os novos lugares sociais de Leôncio, como herdeiro da fazenda pela morte de seu pai, e de homem “livre”, pelo abandono de sua esposa. E é dessa posição que passa a falar com a escrava.

Na seqüência enunciativa 01, o locutor-Leôncio, afetado pelos sentimentos que nutre há um bom tempo pela escrava e pela nova posição que desfruta na fazenda, de herdeiro e abandonado pela esposa, dirige-se à escrava dizendo: “Agora mais que nunca. Meu pai é falecido e não ignoras que sou eu o seu único herdeiro”. Nesse enunciado, a expressão temporal “Agora mais que nunca” nos faz pressupor que a escrava tem conhecimento que ‘legalmente’ pertence ao herdeiro e que está sob seu domínio. Na seqüência, o herdeiro complementa dizendo: “e disponho do **teu** destino”, significando que a vida da escrava está assujeitada à vontade do senhor.

O enunciado “Mas também [...], de tua vontade unicamente depende a tua felicidade ou a tua perdição” significa que, além de

dispor do destino da escrava, impõe que a felicidade, a entrega ao senhor, e a perdição, os futuros castigos, dependem exclusivamente da vontade da escrava. Nessa tensão, é imposto à escrava a escolha de seu destino: ceder aos impulsos do senhor ou ser tratada como as outras escravas da fazenda. Nesse enunciado, o operador “Mas também” adiciona argumento a favor de uma mesma conclusão, ou seja, adiciona argumentos a favor da sedução.

Na SE2, olocutor-escrava Isaura, surpresa com a decisão que lhe é imposta, enuncia em tom exclamativo: “Eu, senhor?!”. Esta expressão interjetiva evoca a condição da escrava e os sentimentos da esposa para com o senhor da fazenda, e pode ser parafraseada por “Por que eu senhor?”. Na sequência, o locutor-escrava contra-argumenta as investidas do senhor, destacando as qualidades da esposa, na tentativa de afastá-lo da ideia da conquista.

Em “lhe peço, meu senhor: deixe de abaixar seus olhos para uma pobre cativa, que em tudo está pronta para lhe obedecer, menos nisso que o senhor exige” (SE2), um dos argumentos da escrava é a súplica em nome da esposa para que o senhor deixe de olhá-la, súplica presentificada pelos verbos “peço”, no presente do indicativo; e “deixe”, no modo imperativo. Esse modo de reagir, pedindo em nome da esposa que a deixe de olhar, passa a constituir os gestos de resistência, numa relação de tensão entre os interlocutores.

Em “que em tudo está pronta para lhe obedecer, menos nisso que o senhor exige”, a tensão entre os interlocutores chega ao limite. Ou seja, a escrava se dispõe a obedecer-lhe “em tudo”, exceto no que entendem igualmente, representado por “menos nisso”.

Parafraseando Orlandi (1996), podemos dizer que os gestos de resistência deslocam sentidos, desconstruindo os efeitos do já dito, em direção à outra significação, ainda inédita para o senhor da escrava: a desobediência.

O operador universal “tudo”, no enunciado, pode significar o cumprimento de todas as ordens em oposição ao “menos nisso”, que não está dito mas está significando a rejeição da escrava à sujeição sexual.

Enquanto o sociólogo Freyre (1998) vê a relação escrava/senhor de forma romantizada, Giacomini (1988) discorda dessa interpretação e afirma que, na sociedade patriarcal e escravista, a mulher escrava, além de objeto de direito, era também objeto sexual:

“a sexualidade da escrava aparece para o senhor livre de entraves ou amarras de qualquer ordem, alheia à procriação, às normas morais e à religião para ser apropriada num só aspecto: objeto sexual” (FREIRE, 1998, p. 62).

Os gestos da escrava evidenciados na linguagem ficcional constituem os gestos de resistência que passam a ser vistos como uma relação necessária, e que intervêm na relação do sujeito com o mundo social, mesmo que ele não saiba, pois ceder significa manter a condição de escrava, e desobedecer significa a luta pela liberdade.

Recorte 02

SE1 - Escuta, Isaura; és muito **criança** e não sabes dar às coisas o devido peso. Um dia, e **talvez** já tarde, te arrependerás de ter rejeitado o meu amor.

SE2 - **Nunca!** – exclamou Isaura – Eu cometeria uma traição infame para com minha senhora **se** desse ouvidos às palavras amorosas do meu senhor (FREIRE, 1998, p. 56, grifo nosso).

No recorte 02, o diálogo entre o senhor e a escrava prossegue como um jogo de sedução e rejeição, de um lado, o locutor-senhor argumenta que Isaura é infantil, portanto, incapaz de tomar decisões que a favoreçam; e de outro, o locutor-escrava que se contrapõe aos argumentos do senhor.

A expressão temporal “Um dia e talvez já tarde, te arrependerás de ter rejeitado o meu amor”, que pode ser parafraseada por “*mas* no futuro você poderá se arrepender”, projeta uma futuridade de que a rejeição trará arrependimentos. Pois, de acordo com Guimarães (2007, p. 45), em alguns casos o “*etem* função *demas*” e “leva na direção de se considerar a necessidade de uma correlação modal entre as orações” (GUIMARÃES, 2007 p. 46).

Na SE1, a rejeição aos sentimentos do senhor, por parte da escrava, produz o efeito de uma ameaça, considerando o lugar social de proprietário da escrava, que pode dispor de seu destino.

Na SE2, o locutor-escrava nega/rejeita, de forma enfática, os argumentos do senhor, empregando a forma exclamativa e negativa “Nunca!” que funciona como gesto de resistência. Esse gesto se contrapõe à possibilidade de traição, caso a escrava desse ouvido aos caprichos do senhor pelo funcionamento da condicional “se”.

Recorte 03:

SE1 - Escrúpulos de criança! ... Meu pai, – Deus lhe perdoe-, levado por uma sórdida avareza, queria vender tua liberdade por um punhado de ouro, como se houvesse ouro no mundo que valesse os inestimáveis encantos de que os céus te dotaram... Eu repeliria, como quem repele um insulto, todo aquele que ousasse vir oferecer-me dinheiro pela **sua liberdade**. *Livre és tu*, porque Deus não podia formar um ente tão perfeito para votá-lo à escravidão. *Livre és tu*, porque assim queria minha mãe e assim o quero eu. **Mas**, Isaura, o meu amor por ti é imenso; eu não posso, eu não devo **abandonar-te ao mundo**.

SE2 - Perdão, senhor; eu **não** posso compreendê-lo; diz-me que *sou livre e não* permite que eu vá onde quiser e **nem mesmo** que eu disponha livremente de meu coração? (GUIMARÃES, 2004, p. 57, grifo nosso).

Na sequência enunciativa 1 do recorte acima, a resistência da escrava aos apelos do senhor é designada de “Escrúpulos de criança! ...”. Para conquistar a escrava, o locutor-proprietário emprega vários argumentos que se fundamentam na avareza do pai na pretendida venda da escrava e na repulsa a quem pretendesse comprar a sua liberdade. No entanto, o argumento mais forte é a declaração do seu amor pela escrava que o impede de abandoná-la ao mundo, isto é, de libertá-la, de torná-la livre das garras de seu senhor.

O enunciado “Livre és tu, porque Deus não podia formar um ente tão perfeito” pode ser parafraseado por “Tu és livre porque és perfeita”. Como afirma Orlandi (2005, p. 30), “os dizeres são efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz”. Pois conforme a autora, o dizer tem a ver com sua exterioridade, “as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele” (ORLANDI, 2005, p. 30).

Em “**Mas**, Isaura, o meu amor por ti é imenso [...]”, o operador “Mas” contrapõe argumentos orientados para conclusão contrária, ou seja, de acordo com Guimarães (2007, p. 209, grifo nosso), “orientar argumentativamente é, assim, conduzir incessantemente o texto para seu futuro, para seu fim (final/finalidade). A orientação argumentativa

se dá como uma exigência da futuridade do acontecimento.” O locutor-Leôncio, ao declarar seu amor, tenta convencer a escrava de que ela é livre mas não pode ser abandonada ao mundo.

Para Guimarães (2007, p. 209), “um argumento não é algo que indica um fato que seja capaz de levar a uma conclusão. Um argumento é um enunciado que, ao ser dito, por sua significação, leva a uma conclusão (uma outra significação)”.

Na SE2, o locutor-escrava Isaura, ao questionar o seu lugar social em relação à liberdade que lhe é imposta, de livre e de não livre ao mesmo tempo, se constitui na cena no lugar social de locutor-mulher e não de escrava.

Segundo Guimarães (2013, p. 14), “a diretividade argumentativa da pergunta é a mesma da negação”, dito de outro modo, ao questionar sobre sua liberdade, a escrava já está negando que é livre. Com a interrogativa sobre sua liberdade, o dizer do locutor-escrava instaura o memorável de que o escravo não dispunha de seus direitos sociais de ir e vir livremente e muito menos de enunciar na mesma cena em que estivesse inscrito o seu senhor.

Compreendendo como Orlandi (2012a, p. 84) que “a interpretação é um gesto, ou seja, ela intervém no real do sentido”, o gesto de resistência da escrava ao questionar sobre a ambiguidade de sua condição livre/submissa, intervém no real, em um espaço de enunciação de uma sociedade patriarcal escravocrata que “determina e legitima a dominação do homem sobre a mulher” (GIACOMINI, 1988, p. 66) até mesmo as mulheres livres eram submissas aos homens.

Embora a escrava Isaura pertencesse ao senhor Leôncio, o seu lugar social é o de um Locutor que tem conhecimento de sua condição, e que enuncia determinada pelos lugares sociais que a constituem: escrava e livre.

Recorte 04

SE1– Isaura, se o quiseres, **não será somente livre; serás a senhora, a deusa desta casa.** Tuas ordens, quaisquer que sejam, os teus menores caprichos serão pontualmente cumpridos; e eu, melhor do que faria o mais terno e o mais leal dos amantes, te **cercarei** de todos os cuidados e carinho, de todas as adorações que sabe inspirar o mais ardente e inextinguível amor. Malvina me abandona! ... Tanto melhor! Em que dependo eu dela e de seu amor se te possuiu?!

SE2- O que o senhor acaba de dizer **me horroriza**. Como se pode esquecer e abandonar ao desprezo uma mulher tão amante e carinhosa, tão cheia de encantos e virtudes, como sinhá Malvina? Meu senhor, perdoe-me se **lhe falo com franqueza**; abandonar uma mulher bonita, fiel e virtuosa por amor de uma pobre escrava seria a mais feia das ingratidões.

SE3 - **Cala-te, escrava insolente!** – bradou, cheio de cólera. – Que eu suporte sem irritar-me os teus desdêns e repulsas, ainda vá: **mas repreensões!** ... **Com quem pensas tu que falas?...** (GUIMARÃES, 2004, p. 57, grifo nosso).

O recorte 04 é composto por três sequências enunciativas. Na SE1, o locutor-herdeiro, com o intuito de conquistar a escrava, propõe-lhe uma vida de liberdade e conforto desde que satisfaça os desejos dele. O seu dizer projeta uma futuridade, a possibilidade de cercar a escrava de “cuidados e carinhos”, com direito até mesmo à liberdade e/ou um lugar de senhora na sociedade escravocrata. Porém, há uma contradição, pois o dizer do locutor-proprietário coisifica a escrava ao dizer “te possuo”, quer seja, mesmo cercando-a de cuidados, ela continuaria no mesmo lugar social de escrava herdada por ele.

Na SE2, o dizer da escrava “O que o senhor acaba de dizer me horroriza” demonstra aversão aos dizeres do locutor-herdeiro, e, ancorando-se nas virtudes da sinhá Malvina, rebate os argumentos do senhor “com franqueza”. Aqui os gestos de resistência se fundam no horror ao que é dito e na “franqueza” com que é rebatido.

No recorte em estudo, o dizer da escrava é legitimado, e o que diz produz o efeito impensado da ousadia em repreender o seu dono. Esse gesto de resistência da escrava retoma o dizível, o enunciável de sua condição anterior na fazenda, criada como filha da antiga proprietária que desfrutava dos mesmos direitos que sua dona. E é desse lugar social que o locutor-escrava rebate/rejeita as declarações de amor do seu senhor.

O enunciado “**lhe falo com franqueza**” instala o conflito no centro do dizer, e coloca o lugar da escrava em evidência na cena enunciativa, ou seja, não é do lugar de escrava que Isaura diz “**lhe falo com franqueza**”, mas de um novo lugar que se constituiu para ela pelos gestos de resistência. Aqui, os sentidos das relações entre o proprietário que julga que tudo pode dizer e o escravo que deve

obedecer mudam, se rompem; ou seja, nessa nova posição, a escrava desobedece ao “falar com franqueza” ao seu senhor.

Na SE3, o tom do locutor-herdeiro muda, e a tensão entre os interlocutores chega ao limite, ou seja, o locutor-proprietário deixa os galanteios de lado, e grita cheio de cólera: “Cala-te, escrava insolente!”. Essa mudança é determinada pelos gestos de resistência pela formulação da escrava: “lhe falo com franqueza”. Ou seja, os gestos de repreensão determinam a mudança na posição do locutor-proprietário de galanteador para arrogante, sustentada pela posição da escrava que se coloca como locutor que fala do lugar social de livre que nem o seu proprietário.

O enunciado interrogativo “Com quem pensas tu que falas?” nos remete a Pêcheux (1993, p. 82-83) que diz que “há um jogo de imagens que funciona quando há inscrição do sujeito num determinado lugar social”, e essas “posições” assumidas pelos enunciadorees são chamadas de “formações imaginárias”. Muitas vezes esses discursos tendem a ser persuasivos, como explica Orlandi (2006, p.16):

O mecanismo de antecipação é em grande parte o responsável pela argumentação. E a troca de linguagem, por este mecanismo, se assemelha a um grande jogo de xadrez em que aquele que consegue melhor antecipar-se a seu interlocutor é melhor orador, mais eficiente com a palavra (ORLANDI, 2006, p. 16).

Nas palavras de Pêcheux (1993, p.82), “O que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”.

Pêcheux (1993) diz que a antecipação das representações do outro ou o jogo das formações imaginárias é a imagem que o sujeito faz do assunto, de si mesmo, do outro. Cada um prevê as expectativas de seu alocutário.

Assim, a imagem simbólica que olocutor-proprietário faz de sua inscrição em seu lugar social, projeta uma série de imagens do locutor-escrava, produzindo efeitos de sentido, em que se inscreve o memorável que o escravo não poderia “repreender” o seu ‘dono’; o que implica na questão “quem sou eu para que ele me fale assim?”, dito de outro modo, a escrava sendo objeto de direito não poderia questionar/repreender o seu senhor.

Recorte 05

SE1- E, entretanto, se te mostrares mais branda comigo... **Mas não**, é muito aviltar-me diante de uma escrava; que necessidade tenho eu de pedir aquilo que de direito **me** pertence? Lembra-te, escrava ingrata e rebelde, que em corpo e alma **me pertences**, a mim só e a mais ninguém. És **propriedade minha**; um vaso que tenho entre as **minhas** mãos e que posso usar dele ou despedaçá-lo a meu sabor.

SE2- Pode despedaçá-lo, meu senhor; bem o sei; **mas**, por piedade, **não** queira usar dele para fins impuros e vergonhosos. A escrava também tem coração e **não é** dado ao senhor querer governar seus afetos (GUIMARÃES, 2004, p. 58, grifo nosso).

Na SE1 da cena enunciativa 05, o dizer do locutor-proprietário instala o desejo de convencer a escrava a ser mais flexível cedendo à pressão dele, e na sequência o emprego das reticências indica que a fala foi interrompida, e o dizer do locutor-proprietário toma outra direção.

No enunciado “*Mas não, é muito aviltar-me diante de uma escrava*”, o operador argumentativo *mas* funciona pelo já-dito de que o dizer do escravo não tem legitimidade, dada a sua condição de objeto de direito na sociedade escravocrata. Pois na ótica de Guimarães (2007, p.211), “o memorável (o passado de enunciações realizadas) sustenta a relação de orientação argumentativa e assim projeta como interpretar o futuro do texto”.

Nesse enunciado, a contradição instala o conflito no centro do dizer, pois de acordo com Guimarães (2002, p. 16):

O Político está assim sempre dividido pela desmontagem da contradição que o constitui. De tal modo que o estabelecimento da desigualdade se apresenta como necessária à vida social e a afirmação do pertencimento, e de igualdade, é significada como abuso, impropriedade.

No enunciado interrogativo “que necessidade tenho eu de pedir aquilo que de direito me pertence?”, estamos diante do funcionamento da contradição própria do político, que conforme Guimarães (2002, p.17), “Ele (o político) se constitui pela contradição entre a

normatividade das instituições sociais que organizam desigualmente o real e a afirmação de pertencimento dos não incluídos”. Esse desentendimento significa “o conflito entre aqueles que não entendem do mesmo jeito as mesmas coisas” (MACHADO, 2011, p. 56). Ou seja, há uma disputa pelo dizer, nessa relação paradoxal de convívio entre iguais e desiguais é que se é produzido o desentendimento.

De acordo com Foucault (1995 apud FERNANDES, 2011), não existe passividade nas relações de poder, porque ao mesmo tempo em que se faz uma imposição, há uma reação contrária, uma resistência: “não há relação de poder sem resistência, sem escapatória ou fuga, sem inversão eventual; toda relação de poder implica, então pelo menos de modo virtual, uma estratégia de luta” (FOUCAULT, 1995 apud FERNANDES, 2011, p. 248).

Os enfrentamentos do locutor-escrava constituem gestos de resistência, nos quais se marca como sujeito de seu dizer, pois de acordo com Leandro Ferreira (2013), a resistência se dá no interior da história e no interior do sujeito, e ainda afirma a autora que a resistência se torna visível “pela falha constitutiva no interior da língua, da história e do sujeito” (LEANDRO FERREIRA, 2013, p.3).

Os gestos de resistência do locutor-escrava são interpretados como uma reação à imposição do seu interlocutor, pois a resistência do sujeito “está de um lado, vinculada à relação entre forma-sujeito-histórica e individuação pelo Estado; do outro, pelo processo de **identificação do sujeito** individuado com a formação discursiva em sua vinculação ao interdiscurso” (ORLANDI, 2012b, p. 230, grifo nosso).

A escrava ao se posicionar como sujeito individuado não se identifica como objeto, e constitui outra posição sujeito através de gestos de resistência.

Recorte 06:

SE01- Todo o **teu ser é escravo**; teu coração obedecerá, e se não cedez de bom grado, tenho por mim o **direito e a força**... Mas para quê? Para te possuir não vale a pena empregar esses meios extremos. Os instintos do teu coração são rasteiros e abjetos, como a tua condição; para te satisfazer far-te-ei mulher do mais vil, do mais hediondo dos **meus negros**.

SE02- Ah! Senhor! Bem sei **de quanto** é capaz. Foi **assim** que seu pai fez morrer de desgosto e maus-tratos a minha pobre mãe; já vejo que me é destinada a mesma sorte. **Mas** fique certo de que **não** me faltarão **nem** os meios **nem** a coragem para ficar para sempre **livre do senhor e do mundo** (GUIMARÃES, 2004, p. 58, grifo nosso).

Na sequência enunciativa 1 do recorte acima, os dizeres do locutor-herdeiro, indignado com os gestos de resistência/rejeição da escrava, evocam o interdiscurso de que a escrava não tinha direito de ‘escolha’. Entre a rejeição da escrava em ceder ao assédio do senhor e a vingança por não ter conseguido conquistar o coração da escrava, instala-se novo conflito entre os interlocutores.

Conforme Giacomini (1988, p.70), “a possibilidade sempre presente, concretizada ou não, independente de sua vontade, de ser solicitada sexualmente pelo senhor sem recusa possível, foi, sem dúvida, uma contingência com a qual a escrava teve que conviver”. A socióloga toma exemplo um recorte de jornal que diz: “Uma escrava é obrigada a ceder aos desejos libidinosos de seu senhor para não se expor, com a recusa, a toda sorte de torturas” (“O Americano”, 2/04/1851). A autora ainda afirma que na sociedade escravocrata brasileira o corpo da mulher escrava era “agente de estupro institucionalizado” (GIACOMINI, 1988, p. 79).

Em “Mas para quê?”, o locutor-proprietário se nega a obter o escravo à força, justificando que esses “meios extremos” não seriam necessários dado o lugar social ocupado por ele e pela escrava. E para vingar-se da escrava diz: “far-te-ei mulher do mais vil, do mais hediondo dos meus negros”.

A relação de forças entre o senhor e a escrava nos remete a Orlandi (2005, p. 39) que diz: “o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz”, isto é, o locutor-proprietário fala do lugar de dono da escrava, e nessa relação de força hierarquizada, o dizer do dono “vale” mais que o dizer da escrava.

A SE2 rememora o sofrimento e morte da mãe do locutor-escrava causado pelo antigo proprietário, e que agora o sofrimento se repete através do filho em relação à escrava Isaura. Ainda na sequência 02, a escrava contra-argumenta, colocando-se no lugar de enfrentamento com o seu proprietário para conquistar a sua liberdade.

Considerações finais

Nas cenas enunciativas, os locutores falam de distintos lugares sociais, pela condição social de cada um na obra literária, senhor da escrava e escrava da casa, no entanto, tensionada pelo assédio do senhor, a escrava resiste, e à medida que resiste, os gestos de resistência vão construindo os sentidos de liberdade da escrava, que se coloca no lugar social de pessoa livre. Ou seja, à medida que os gestos de resistência da escrava vão se constituindo, um novo lugar social se abre para a escrava, o de mulher que conhece os seus direitos e luta por eles, e será nessa nova condição, que ela vai lutar pela sua liberdade através da alforria.

A escrava, ao resistir às investidas do senhor, cria uma nova forma de protestar, por meio de gestos de resistência que passam a constituir uma “relação necessária e que intervém decisivamente na relação do sujeito com o mundo” (ORLANDI, 2012a, p. 20).

Os gestos de resistência, apontados na obra literária “A Escrava Isaura”, representam as fissuras nos sentidos estabilizados de que havia passividade por parte dos escravos, considerando que a produção literária dá margem à interpretação.

Referências

DIAS, Luiz Francisco; FERREIRA, Rosiane dos Santos. Enunciação e referência pronominal: uma análise decharges jornalísticas. **Revista Desenredo**, v.3, n. 2, p. 124-275, jul./dez. 2007.

FERNANDES, Eliane Marques da Fonseca. Pichações: discursos de resistência conforme Foucault. **Acta Scientiarum, Language and Culture**, Maringá, v. 33, n. 2, p. 241-249, 2011.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro: Record, 1998.

GIACOMINI, Sônia Maria. **Mulher e escrava**: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1988.

GUIMARÃES, Bernardo (1875). **A Escrava Isaura**. São Paulo, Gold, 2004.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. Campinas, Pontes, 2002.

_____. (1987). **Texto e argumentação**: um estudo de conjunções do português. 4. ed. Campinas: Pontes, 2007.

_____. Autoridade da informação. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, n. 31, p. 09-18, jan./jul. 2013.

HENRY, Paul (1984). A história não existe? In: ORLANDI, Eni Pulcinelli (Org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Da ambiguidade ao equívoco**: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2000.

_____. **Resistir, resistir, resistir...** essa é a questão! Porto Alegre, UFRGS, 2013. No prelo.

MACHADO, Carolina de Paula. **Política e sentidos da palavra preconceito**: uma história no pensamento social brasileiro na primeira metade do século XX. 2011. 258f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto dos Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas-SP, 2011.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 6. ed. São Paulo: Pontes, 2005.

_____. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 6. ed. Pontes, Campinas, SP, 2012a.

_____. Documentário: Acontecimento discursivo, memória e interpretação. In: _____. **Discurso em análise:** sujeito, sentido, ideologia. Campinas: Pontes, 2012b.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2012.

_____. **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1993.

_____. **Discurso e textualidade.** São Paulo, Pontes, 2006.

Recebido em: 10/06/15

Aceito em: 05/08/15